

SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS DE SOBREVIVENCIA DOS AVÁ- CANOEIRO

- OUTUBRO DE 1984 -

André Amaral de Toral/ PPGAS- MN- UFRJ



ÍNDICE

	Página
Introdução	I
1. Os grupos do alto Tocantins (de 1940 a 1984) - Histórico	01
1.1. Os Avã-Canoeiro de Minaçu e Cavalcante	01
Os Avã-Canoeiro de Minaçu	01
1.2. As frentes de atração para os Avã-Canoeiro do alto Tocantins (1940-1984)	05
Denúncias de envolvimento de funcionários do órgão	07
2. Os grupos Avã-Canoeiro já contatados	09
2.1. O grupo de Minaçu	09
2.1.1. Situação da terra	09
Atitudes dos Avã-Canoeiro em relação à terra	12
2.1.2. Subsistência	13
Possibilidade de auto-subsistência econômica	16
2.1.3. Intercâmbio social	17
2.2. O grupo de Canoanã	22
2.2.1. Situação da terra	22
2.2.2. Subsistência	24
2.2.3. Intercâmbio social	25

	Página
3. Os grupos Avã-Canoeiro sem contato (arredios)	27
3.1. O grupo do rio Manuel Alves	27
3.2. O grupo da Mata do Mamão	28
3.3. O grupo de Unaí (provável)	29
3.4. O grupo de Cavalcante	30
4. Síntese dos encaminhamentos sugeridos	31
Orientações gerais	31
4.1. Grupos já contatados (P.I. Canoanã e P.I.A. Avã-Canoeiro)	31
Subsistência	31
Terra	32
Intercâmbio social	32
4.2. Grupos arredios (Cavalcante, Mata do Mamão, Unaí e Manuel Alves)	32
 ANEXO 1	
Entrevista com o garimpeiro Joaquim Xavante	
 ANEXO 2	
Fotos dos grupos de Minaçu, Cavalcante e Canoanã	
 ANEXO 3	
Mapas	

Apresentação

Este relatório pretende fazer um balanço da situação atual de todos os grupos Avã-Canoeiro, arredios e contatados.

Como se verá adiante a situação dos Avã-Canoeiro é extremamente grave, com um alto risco de ter sua existência como grupo ameaçada a curto prazo. Os Avã-Canoeiro já contatados estão completamente não adaptados a uma nova realidade, isolados e desarticulados como grupo, dependentes da alimentação fornecida pelo pessoal das frentes de atração. Os Avã-Canoeiro arredios são os mais ameaçados de desaparecimento físico, dada a natureza de seu contato com a população regional.

Em termos de uma política indigenista há, evidentemente, muito o que fazer. Em relação aos grupos contatados, é necessário estudar e implementar atividades de subsistência que viabilizem a possibilidade de sedentarização dessa população. Em relação aos arredios de Unaí, Manuel Alves e Mata do Mamão, cumpre levantar a situação em que vivem. No caso do grupo de Cavalcante, trata-se, mais concretamente, de se preparar a atração.

Somente depois do contato dos arredios poder-se-á pensar na reunião dos grupos e em uma definição de área para os grupos do Araguaia e do alto Tocantins.

Além de um diagnóstico da situação dos Avã-Canoeiro, este trabalho pretende ser também uma proposta de trabalho conjunto envolvendo FUNAI-pesquisador.

Dada a urgência de se iniciar os trabalhos de atração em Cavalcante, de se fazer um levantamento dos arredios, e dado o interesse demonstrado pelo coordenador das frentes de atração, sr. Sidney Possuelo, e pelo delegado da Ajudância de Araguaína, sr. Gilberto Azanha, coloco-me à disposição dessa Fundação para iniciar esse trabalho. Se considerarmos a possibilidade de realização dos objetivos propostos, teremos que, necessariamente, pensar numa forma de colaboração futura que permita sua realiza-

ção a longo prazo.

Desta maneira, uma vez discutida e acertado o interesse e o apoio desta Fundação para a realização concreta dessas pesquisas, poderia-se iniciá-las o mais cedo possível. Este apoio, concretamente, implica em que a FUNAI arque com as despesas de transporte e manutenção do pesquisador e também garanta o apoio do pessoal dos Postos.

Animado pela possibilidade de realizarmos um trabalho indigenista realmente eficaz para o atendimento à sofrida população Avã-Canoeiro, e pela possibilidade de um trabalho conjunto, coloco-me à disposição desta Fundação para quaisquer esclarecimentos.

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1984.

André Amaral de Toral

Introdução

Este relatório se destina ao pessoal da FUNAI atualmente empenhado na consolidação dos trabalhos de atração e fixação dos Avã-Canoeiro. Foi feito através de uma pesquisa histórica com base na bibliografia, depoimentos e de contatos intermitentes mantidos com o grupo de Canoanã, em viagens de 1978 a 1984 e com a estadia de uma semana entre os Avã-Canoeiro de Minaçu em agosto de 84.

A parte histórica, que descreve a situação de todos os grupos Avã-Canoeiro, do século XVIII até o presente, já foi enviada a esta Fundação. Em anexo envio mais uma cópia deste trabalho, "Os Avã-Canoeiro de Goiás".

Este relatório é uma complementação e uma atualização principalmente da parte relativa à situação dos Avã-Canoeiro de Minaçu, Cavalcante e Manoel Alves, de 1940 até o presente. Esta parte constitui a primeira unidade deste trabalho. Abordo também a situação dos outros dois grupos localizados próximos ao Araguaia, os de Canoanã e os da Mata do Mamão.

Para cada um dos grupos procurei relacionar basicamente dados sobre: situação da terra, subsistência, relação com a população envolvente (Índios, regionais) e com a FUNAI, bem como sobre as condições de intercâmbio social e manutenção da cultura. Para efeitos de comparação dividi os grupos em (2) contatados e (3) arredios.

Numa última parte é feita uma síntese das medidas e encaminhamentos propostos para resolução dos problemas mais urgentes que ameaçam a continuidade física e cultural deste grupo Tupi, bem como uma proposta de ação, envolvendo FUNAI e pesquisador, através de um levantamento das atuais condições de existência dos grupos arredios.

1. Os grupos do Alto Tocantins (de 1940 a 1984)

1.1. Os Avã-Canoeiro de Minaçu e Cavalcante

O material reunido foi obtido basicamente através de depoimentos da população regional (sitiantes, garimpeiros, a família do braçal do Posto, moradores de Minaçu e outros), do pessoal da FUNAI que visitou ou está permanentemente na área indígena (sr. Sidney Possuelo, sr. Cícero Cavalcante e sr. Octávio Canguçu) e dos índios Avã-Canoeiro. A todas essas pessoas expresse meus agradecimentos.

O material obtido não foi submetido a nenhuma espécie de censura. Procurei, desta maneira, garantir total imparcialidade na sua apresentação. Graves acusações de responsabilidade na morte de índios, de grilagem sistemática de suas terras envolvendo regionais e funcionários da FUNAI, foram mantidas tais como as escutei. A intenção aqui é mais a de recolher informações para se ter um quadro da situação real desse povo do que a de se tentar apurar responsabilidades.

Os Avã-Canoeiro do Tocantins, a partir de 1940, tem uma área de perambulação compreendida num triângulo formado pelas cidades de Santa Tereza, Niquelândia e Cavalcante. Nesta região sua presença era mais constantemente assinalada na "Mata do Café", uma floresta irregular que se estenderia de Santa Tereza, onde hoje passa a rodovia Belém-Brasília, até as margens do Tocantins (chamado Maranhão no seu alto curso), bem como no distrito de Colinas, município de Cavalcante.

No início dos anos 70 diversos fazendeiros interessados na ocupação das terras pagavam ou mantinham grupos de jagunços armados para "limpar" a área (da presença de índios). Entre esses fazendeiros dois são sempre mais citados: José Porfírio e Mariguê, este último da Paraíba. A serviço do primeiro diversos moradores da região tais como Romão, José Nascimento e Alcino, entre outros, se dedicaram durante alguns anos, a invadir aldeias, perseguir e tentar "espantar" para longe ou liquidar o maior número possível de índios.

As aldeias que o grupo mantinha próximas aos córregos Jacira, Descoberta, Limeira, Boa Nova e Abaixo são abandonadas. Ao que tudo indica desde essa última fase de perseguições, os Avã-Canoeiro não mais mantêm aldeamentos fixos, passando a deslocar-se constantemente, utilizando-se de

precários acampamentos. Em 1976 o morador Romão, acima mencionado, teria matado uma índia grávida "porque" os Avã-Canoeiro há tempos roubavam suas galinhas culminando com o roubo de uma égua. Um outro morador da "Matinha" também teria matado uma índia em represália ao roubo de um cavalo.

Só no final da década de 70, devido aos ininterruptos ataques e mortes, os Avã-Canoeiro da Mata do Café se dirigem a leste, cruzando o rio Maranhão e buscando refúgio nas serras do município de Cavalcante.

Ao que tudo indica os quatro índios atualmente reunidos no Posto Indígena de Atração Avã-Canoeiro faziam parte desse grupo e, por alguma razão, não os acompanharam. Segundo o depoimento de garimpeiros e em especial o de Joaquim Xavante (ver transcrição da gravação da entrevista em anexo) o grupo que permaneceu no município de Minaçu era composto de gente de "menos força", incapazes de acompanhar o grupo principal e que por isso teriam sido deixados para trás. Ainda segundo o depoimento de Xavante, o grupo que cruzou o Tocantins era composto por 18 pessoas, em 1980 aproximadamente. Hoje seriam apenas 10, refugiados na Serra Branca, numa mata chamada "Baixada das Antas". Pelo depoimento acima citado suspeita-se que a diminuição no número de pessoas foi devido a assassinatos praticados pela população local. (Xavante, 1984:5-6)

Segundo um chofer de táxi de Minaçu, o número atual dos Avã-Canoeiro de Cavalcante seria de 15 pessoas, lideradas por um capitão de nome "Grosso". Manteriam contato com moradores e garimpeiros. Estes últimos, ao menos aqueles com quem falei, desconhecem no entanto as informações acima mencionadas.

Apesar desta versão de que os Avã-Canoeiro de Minaçu são um grupo "desgarrado" dos demais refugiados nas serras de Cavalcante ser bem plausível, algumas observações devem ser feitas.

Toda a região a leste e a oeste do alto Maranhão, apresenta sinais da passagem dos Avã-Canoeiro ("roubo" de animais, restos de aldeias e acampamentos, rápidos encontros com a população regional, índios espingar dados, etc.). Desta maneira os Avã-Canoeiro que habitam hoje o município de Cavalcante tanto podem ser os que vieram da Mata do Café, como podem ser também originários do sul, de Niquelândia e Colinas.

Além das regiões assinaladas, Minaçú e Cavalcante, em 1982 foi acusada a presença de índios deste grupo na margem direita do rio Paraná, município de Monte Alegre de Goiás, consideravelmente longe do Alto Maranhão.

Neste ano provavelmente em função de reclamações de proprietários de animais roubados, um antropólogo do D.I.D. da FUNAI é enviado à região para localização dos grupos Avá-Canoeiro para fins de interdição da área (portaria 1471/E de 2/12/82). Ele assinala a presença dos índios nos municípios de Monte Alegre, Cavalcante e Minaçú. Aponta a existência de dois grupos: um, em Minaçú, na margem direita do rio Tocantins, próximo a Serra do Retrato e outro em Monte Alegre, próximo ao rio Paraná (Mendes, 1982:4).

O primeiro grupo ao que parece é aquele que será contatado em 1983 e que hoje vive em Minaçú. O segundo grupo seria recém-chegado a região que então ocupava. Segundo o seu relato, sua presença teria sido notada a partir de maio de 1982. Viveriam nas proximidades das serras da Contenda e do Mendes. O antropólogo visitou uma aldeia recém-abandonada e localizada nesta última serra, composta de quatro cabanas e oito fogueiras. Os índios estavam instalados nas terras das fazendas São Salvador e Angico, tendo sido descobertos por um vaqueiro desta última que escutou o som de flautas dos Avá-Canoeiro (idem, 1982:5-6).

Este antropólogo conclui que o segundo grupo é maior que o primeiro (o de Minaçú), em função do número de fogueiras encontradas e da maior frequência com que matavam gado na região (idem, 1982:6). Após o contato, pôde-se verificar que este antropólogo calculou acertadamente o número de componentes de cada um dos grupos.

Como vemos, estes dois grupos não são outros senão os de Minaçú e os de Cavalcante. Os dados do relatório deste antropólogo ajustam-se perfeitamente àqueles contidos nos depoimentos colhidos. Com efeito, segundo depoimento de Joaquim Xavante, os Avá-Canoeiro da Mata do Café, depois que cruzaram o rio Maranhão, teriam se dirigido até a região próxima aos municípios de Campos Belos (mais a leste ainda do que Monte Alegre) e Araraías (Xavante, 1984:6). Estes municípios, segundo seus cálculos, distam 40/50 léguas (280/350 kms) do local que hoje ocupam (idem, 1984:6). Os fazendeiros de Campos Belos teriam "judiado" deles, o que fê-los retornar novamente para a região próxima ao Maranhão. Segundo este informante, isso te

ria se passado há um ou dois anos atrás (idem, 1984:6).

Juntando as peças do quebra-cabeça temos duas explicações possíveis: (1) os Avã-Canoeiro da Mata do Café teriam cruzado o Maranhão em 1980 e se dirigido a leste até atingirem os municípios de Arraias, Campos Belos e Monte Alegre no final de 1982, onde o antropólogo da FUNAI teria localizado e fotografado a aldeia recém-abandonada. A partir desta época passam a abandonar a região dirigindo-se a oeste até atingir as serras do município de Cavalcante no início de 1983. Os dados colhidos pelo antropólogo da FUNAI em 1982 e os depoimentos que colhi entre os garimpeiros reforçam-se mutuamente dando consistência a essa hipótese.

A segunda explicação possível é a de que trata-se de mais de um grupo. Teríamos então 3 grupos Avã-Canoeiro nesta região: um em Minaçu (que será contatado em 1983), um em Cavalcante e outro entre Monte Alegre, Campos Belos e Arraias. O terceiro grupo poderia ser originário da região compreendida entre Colinas e Niquelândia onde teria sua presença anotada de 1969 a 1970 (Toral, 1982:13-17).

Apesar da distância entre o Maranhão e o Paraná, razão principal para suspeitarmos da existência de mais de um grupo, os Avã-Canoeiro podem ter perfeitamente percorrido o itinerário apontado, dada a espantosa mobilidade deste grupo indígena. Esta hipótese não explica, no entanto, o que aconteceu com o grupo de Colinas e Niquelândia.

Pessoalmente estou convencido de que a primeira solução - que é a do informante J. Xavante - é a que melhor explica as últimas aparições do grupo através de um roteiro bem definido.

Os Avã-Canoeiro de Minaçu

Enquanto o grupo que cruzou o Maranhão dirigiu-se a leste para depois retornar para o município de Cavalcante, sempre mantendo contatos hostis com a população, os Avã-Canoeiro que permaneceram próximos ao Tocantins tem um comportamento bastante diferente, tornando quase uma rotina os encontros com brancos.

Com efeito, além de contatos esporádicos com garimpeiros, tudo indica que os Avã-Canoeiro de Minaçu tenham também entrado em contato com

moradores, sitiantes e com o pessoal do acampamento de FURNAS, antes de encontrarem a equipe da FUNAI.

De junho a agosto de 1981 fazem diversas aparições: chamam um funcionário da FUNAI que estava indo de barco para a fazenda do sertanista Praxedes e também a um outro empregado desta fazenda, sempre pedindo comida. Finalmente, em 1983 eles decidem acompanhar um rapaz da região, que os encontra quando fazia uma "espera" na mata, até sua casa. Como se vê, a iniciativa de estabelecer o contato foi tomada pelos próprios índios.

Esta atitude frente aos brancos parece diferenciar bastante os grupos de Minaçu e Cavalcante. Pode-se aventar que esta atitude em relação ao contato possa ter sido uma das causas da separação dos grupos. Por este raciocínio, os que resolveram "se entregar" ficaram e os decididos a permanecerem independentes (ou os que tinham meios para tanto) continuaram arredios e em constante movimentação.

1.2. As frentes de atração para os Avã-Canoeiro do alto Tocantins (1940 - 1984)

O material e as fontes que serviram em parte para a elaboração deste pequeno apanhado estão no trabalho "Os Avã-Canoeiro de Goiãs" mencionado atrás.

Aqui são revistos alguns pontos e acrescentados outros resultados das pesquisas de campo.

A primeira frente de atração para esses índios foi em 1946 com a fundação do Posto Canoeiro na Serra das Trombas. Nos seus relatórios a Inspeção do S.P.I., o encarregado denuncia perseguições feitas aos índios principalmente pela família Correia e especialmente por João Correia Sobrinho. A Frente constrói estrada, localiza aldeias antigas, deixa brindes, só não consegue mesmo fazer o contato. Os serviços continuaram até a sua desativação provável antes de 1950. Até onde se sabe só seriam reiniciados em 1969, depois que fazendeiros de Colinas e de outras fazendas de outros distritos do município de Cavalcante e Niquelândia reclamaram providências à FUNAI ante o abate de gado das fazendas da região. O então presidente da FUNAI, Queiróz Campos, a princípio não quis tomar nenhuma providência em relação aos Avã-Canoeiro alegando serem os índios mestiços de negros com

índios e, portanto, fora da alçada da FUNAI, que só atenderia índios "puros". Mas, por ordem do Ministro Costa Cavalcanti, do Interior, determinou que a FUNAI assistisse aos índios. As reclamações dos fazendeiros, no entanto, continuavam e, como o problema era próximo ao Distrito Federal, o Conselho de Segurança Nacional fez investigações a respeito. Disso resultou que a FUNAI e o comandante da 3ª Brigada de Infantaria em 1970 decidiram enviar uma "expedição mista" ao local. Não se tem notícia do resultado dessa expedição.

Em 1971, sem dificuldades e seguindo orientação da população regional, o sertanista Praxedes descobre 5 aldeias abandonadas, uma delas às margens do rio Maranhão. Apesar de ser bem marcada a presença dos índios no local, o contato não é estabelecido por razões ignoradas. Este sertanista, vale lembrar, já possuía experiência com este grupo pois trabalhou na Frente de 1946 no alto Tocantins e em 1948 com o grupo arredio do Manoel Alves.

Em 1973 a FUNAI anuncia a intensificação dos trabalhos de contato com os grupos do alto Tocantins e do Araguaia. Em janeiro de 1974 Praxedes anuncia que o contato está próximo. Em maio ele anuncia que as chuvas impedem o trabalho. Vale lembrar que nessa época o grupo era espingardeado por jagunços na Mata do Café e que toda população regional acompanhava os deslocamentos dos índios.

Por que não se entrava sequer em contato visual com os Avã-Canoeiro? Por que nenhuma notícia dos assassinatos foi veiculada?

Em 1977 a Revista de Atualidade Indígena, publicada pelo Ministério do Interior, publica fotos de abrigos encontrados em Niquelândia pelo sertanista José Aucê. Do contato, nenhuma notícia. Em junho de 1981 o delegado da 7ª D.R., Ivan Baiocchi, anuncia que os trabalhos seriam intensificados. Em agosto de 1981 os jornais noticiam que o funcionário Antonio Bomis, da Frente de Atração, estava indo de barco para a fazenda de Israel Praxedes, pelo rio Maranhão, quando de repente um grupo de 14 índios aparece na margem fazendo sinais para que se aproximasse. Pedem roupas, comida, etc.. Estão famintos. Fica-se sabendo então que há dois meses atrás um grupo de índios também pediram alimentos a um empregado da fazenda de Praxedes. É de se notar o fato de que o sertanista, há muitos anos responsável pela atração dos Avã-Canoeiro, seja proprietário de uma fazenda na área de

perambulação desses índios arredios.

Antonio Bomis diz que os índios eram perseguidos por caçadores e garimpeiros que montavam "esperas" nas florestas ou em locais de trânsito dos índios para espingardeá-los. Em outubro de 1981 o delegado Baiocchi diz "desconfiar" do relato de Bomis e Praxedes dando conta dos contatos.

Em março de 1982 os trabalhos da frente são reiniciados (a chuva os interrompeu em dezembro) em meio às denúncias de mortes praticadas por fazendeiros e garimpeiros.

A frente de atração agora opera na barra do córrego dos Macacos, onde se deram as últimas aparições dos índios. Em julho de 1983, finalmente uma aproximação pacífica: um rapaz que fazia uma "espera" na mata encontrou o grupo vagando e conseguiu que eles o acompanhassem até a casa de um morador. Dias depois chega o pessoal da FUNAI de Brasília. O sertanista Canguçú percorre a região próxima ao córrego dos Macacos juntamente com os índios. Registra os muitos sinais da existência de antigas aldeias no local (restos de casas, pilões, mamoeiros, etc.) e o depoimento dos regionais de que ali era, já há alguns anos, uma "posse dos índios". E, com efeito, ao percorrermos a região o índio Iawí aponta a casa, as antigas roças, o pilão velho e diz: "meu", batendo a mão no peito. Um gesto inequívoco. A FUNAI então constrói um Posto e um rancho para os índios que, doravante, ficarão instalados ali. Seu último local de moradia era a casa de um sitiante, que também tinha um boteco, o que fez com que os índios convivessem alguns meses com as cachaçadas promovidas por garimpeiros no local.

Denúncias de envolvimento de funcionários do órgão

Uma coisa que espanta na região é que, apesar dos índios serem "arredios", os moradores do local conhecem sua área de deslocamentos, suas aldeias antigas e dão pistas seguras para a localização das atuais. Além disso, os índios, além de serem comumente vistos pela população, mantêm relações amistosas, apesar de esporádicas, com alguns dos moradores nos quais eles confiam. Como é que, numa área assim tão explorada, as tentativas de contato não tenham apresentado resultado melhor do que algumas histórias das quais até o próprio delegado da FUNAI desconfiava?

Deve-se notar também que o contato foi sempre estabelecido pelos índios e pelos moradores que, depois, chamaram o pessoal da FUNAI. É também estranho que somente o sertanista Praxedes, há muitas décadas na região, não soubesse da presença dos índios no local. Mais estranho era que os contatos tenham sido feitos sempre por iniciativa dos próprios índios, apanhando sempre de surpresa os funcionários da FUNAI.

Existem, finalmente, muitos relatos dizendo que o sertanista Praxedes estaria envolvido na venda das terras dos Avã-Canoeiro. Segundo essas versões de moradores e pessoas da área (a quem garanti o anonimato) a operação se daria da seguinte maneira: estava lá o morador na sua posse, próxima ao rio Maranhão. Chega o funcionário e, alegando a existência de índios no local e usando sua autoridade de representante da FUNAI, interdita e expropria o morador de seu rancho e de suas terras. Tudo isso para fazer a "atração". Mas, ao invés de fazer a atração, o que se fazia era vender essa posse. Ainda segundo essas fontes, Praxedes mesmo se encarregaria depois de "limpar" a área, "tocando" os índios para outro local, para onde ele iria em seguida para fazer outra "atração". Seguindo esse "método de atração", teria-se agido assim por muitas décadas na região. Lá, são famosas as estórias das "correrias" dadas nos índios, pelo referido funcionário, invadindo aldeias dando tiros e soltando foguetes para afugentar os já aterrorizados Avã-Canoeiro. Grande extensão de terras ao longo do Maranhão teriam sido griladas desta maneira. Em agosto o chefe da Frente de Atração, Canguçu, me confirmava que as terras aonde se acham o Posto atualmente tinham sido vendidas e "eram de propriedade" do dr. Silvino ou Severino. Os compradores das terras, que muitas vezes as compravam de boa-fé, são pessoas de grande expressão, tal como a viúva do ex-presidente Juscelino Kubistchek e pessoas ligadas ao jornal O POPULAR de Goiânia, entre outras.

As denúncias envolvem também outro funcionário da FUNAI, Benaimour Fontes, que chefiou a frente. Este teria se demonstrado extremamente "desgostoso" de transferir os índios para o córrego Macaco porque, assim procedendo, estaria reconhecendo os direitos dos índios àquelas terras.

Se as denúncias um dia forem investigadas e confirmadas muitas coisas se explicarão. Poderá se explicar a morosidade e o resultado decepcionante das frentes de atração para estes índios por diversas décadas. Se explicarã a existência de uma fazenda do sertanista Praxedes na área de perambulação dos índios e a titulação e venda irregulares de terras indígenas. E, mais importante, se explicarão as muitas mortes silenciadas nestes

anos todos.

2. Os grupos Avã-Canoeiro já contatados

2.1. O grupo de Minaçu

2.1.1. Situação da terra

Toda a região próxima ao atual P.I.A. apresenta vestígios e sinais comprobatórios de ocupação bastante antiga por parte dos Avã-Canoeiro. Desta forma, além dos sítios que marcam a passagem do grupo contatado em 1983, outros que marcam a existência de aldeamentos mais antigos também são facilmente encontráveis.

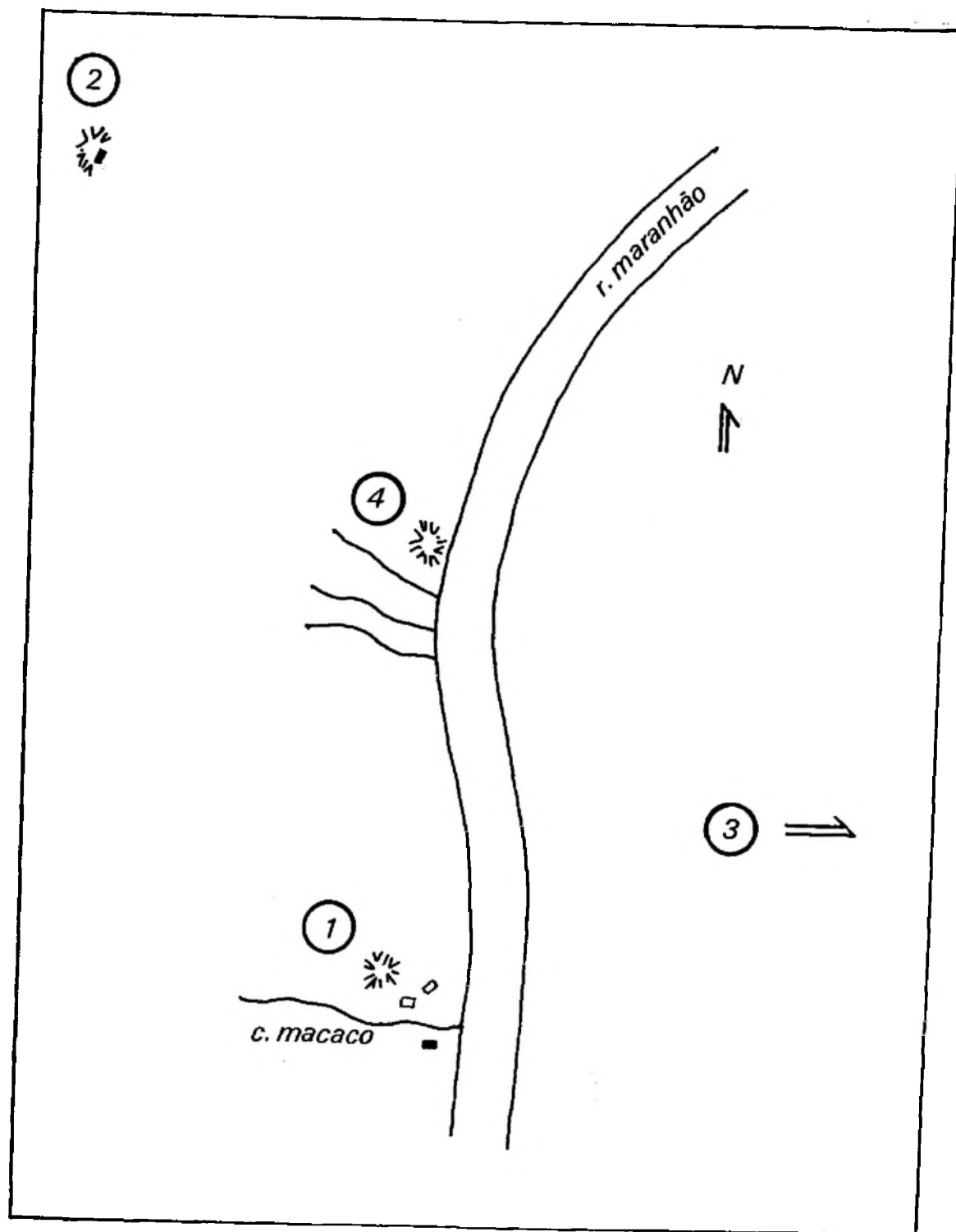
O grupo composto por um rapaz, Iawĩ, e 3 mulheres, habitou os seguintes locais próximos ao atual P.I., (que deverão ser levados em consideração numa futura eleição de área):

Sítio 1 - Ver croquis nº 1 na página seguinte. - Dista aproximadamente 50 m, na direção oeste, da casa do Posto. Consiste em restos de pelo menos uma casa e um pilão escavado num tronco de árvore (ver foto). O local parece ter sido ocupado pelo grupo de Minaçu e pelo de Cavalcante antes da separação. A casa e o pilão localizavam-se num claro da mata que existia no local. Para a instalação do Posto foi feita uma grande derrubada seguida de queimada que tornou muito difícil o acesso.

Sítio 2 - Para se chegar a este local desce-se o rio Maranhão por 5 minutos de voadeira, a partir do Porto do Posto. Daí anda-se, perpendicularmente em relação ao rio, cerca de 4 km pelo topo das serras. O "rancho velho do João (Iawĩ)", como é conhecido, fica numa alta ravina. O córrego (sem nome) mais próximo localiza-se a 40-50 metros da única casa que compõe a antiga morada do grupo já contatado. As paredes da casa são feitas de troncos roliços fincados no chão num formato aproximadamente oval. Para entrar ou fechar a casa deslocam-se dois troncos soltos. No seu interior dois troncos fazem de coluna sustentando uma precária cobertura de palha.

Apesar da simplicidade da habitação ela se apresenta, comparativamente, aos padrões de moradia dos Avã-Canoeiro, como um local de arran-

chamento permanente por um período de tempo relativamente longo. Com efeito os acampamentos utilizados pelos Avã-Canoeiro, e fotografados na região do



Croquis nº 1 - Localização dos aldeamentos Avã-Canoeiro próximos ao P.I.A. (município de Minaçu - GO).

rio Javaés e em Niquelândia, consistem em folhas de palmeira apoiadas numa trave e formando um precário abrigo de uma só "água". Comparando-se estes abrigos provisórios com a casa encontrada no "rancho velho do João", chega-se logo à conclusão de que este último constitui-se num local de habitação permanente utilizado há no mínimo 5 anos.

Quando visitei, em companhia de Iawí e do braçal do Posto, este local, o primeiro tentou explicar-me que por muito tempo lá habitaram e que lá a menina, que hoje vive no P.I.A., cresceu, o que indicava mostrando com a mão, desde quando tinha 1 m de altura até hoje.

No interior da casa havia muitas panelas, copos de metal muito velhos, garrafas, além de cestos, foices feitas com ponta de metal (e que serviriam para colher arroz), um número excepcional de flautas, maracas, cabaças, etc..

Como o "rancho" foi ocupado antes de 1983, quando foram oficialmente contatados, e como seria muito difícil estes objetos terem sido levados para lá depois do contato, fica bem claro que esses objetos de origem "civilizada" foram obtidos, através de trocas com regionais ou furto, em contatos anteriores à 1983.

Próximo à casa podem ser encontrados restos de roças de milho, arroz, alguns pés de mamão e de tabaco. O terreno próximo à casa ainda está limpo, o que demonstra terem retornado ao local mesmo depois que passaram a viver mais tempo próximos ao Posto.

Segundo o sertanista Canguçu, que está na chefia do Posto, o uso do local pelas roças dos índios deve ser bem antigo devido ao desaparecimento dos "tocos" do desmate original.

Sua presença no local foi descoberta por um empregado do "dr. Silvino", indicado como "proprietário" dessas terras que, pensando serem os índios regionais, denunciou-os ao seu patrão como grileiros tentando "tirar posse". Embora possa parecer absurdo chamar os índios de "grileiros" e invasores, a acusação de que eles podiam estar tentando "tirar posse" dá uma pista sobre qual teria sido a reação do proprietário em relação aos "intrusos", caso a FUNAI não tivesse se estabelecido na área.

Sítio 3 - A "casa de pedra do Pontal" localiza-se na primeira montanha da serra em frente ao Posto, na margem oposta do rio Maranhão (município de Cavalcante). Foi e é utilizada pelo grupo de Cavalcante e pelo de Minaçu antes da separação. A partir desse ponto de apoio os Avá-Canoeiro saíam em excursões pelos arredores. O garimpeiro Joaquim Xavante diz no seu relato que quando os Índios lá se encontravam costumavam manter contato com ele, e provavelmente com outros moradores e garimpeiros, recebendo peixe e entabulando trocas (Xavante, 1984:4)

Consiste numa formação rochosa natural que os Índios utilizam como habitação, completando a vedação com palha. Apesar do nome sugestivo o local não parece ser muito diferente das demais formações rochosas comuns na região. Segundo o antropólogo Artur N. Mendes, este "acampamento abandonado" teria sido habitado exclusivamente pelos Avá-Canoeiro de Minaçu (Mendes, 1982:4).

Sítio 4 - Localiza-se a aproximadamente 6 km do Posto, descendo o rio Maranhão. Localizado bem próximo às suas margens, apresenta além de vestígios de habitações, grande quantidade de restos de cerâmica, os chamados "cacos de louça" do depoimento do garimpeiro Joaquim Xavante.

Como os grupos Avá-Canoeiro contatados recentemente (em Canoão e Minaçu) não demonstraram saber fazer e não possuíam nenhuma peça de cerâmica, pode-se supor que este local de aldeamento seja bem antigo, numa fase em que o ritmo das perseguições permitia-lhes ainda desenvolver atividades que seriam incompatíveis com o nomadismo a que foram obrigados. Parece que a ocupação do local não sofreu solução de continuidade.

Da mesma maneira que o sítio 2 este também está localizado nas terras do dr. Severino.

As atitudes dos Avá-Canoeiro em relação à terra

O estabelecimento do grupo de Minaçu no local onde se encontra hoje foi feito através de um feliz reconhecimento da área, realizado logo após o contato, por Otavio Canguçu acompanhado dos Índios.

Ao chegarem na foz do córrego do Macaco, no rio Maranhão, os Índios passaram a demonstrar conhecer profundamente o terreno ao mesmo tem-

po em que faziam questão de indicar os sinais de ocupação (restos de roças, casas, o pilão, etc.) dispersos na área (nos sítios 1, 2 e 4). A foz do Macaco é tida, pela população regional, como "posse antiga" dos índios. Ao me acompanhar a todos os antigos locais de aldeamentos João Iawí apontava a casa, a roça e o chão e dizia: "meu, meu" ao mesmo tempo que batia a mão no peito.

Apesar das perseguições de que foram alvo, Iawí nunca me pareceu duvidar de seu direito de usufruto do que considera como terra e dos outros Avá-Canoeiro. Sua atitude em relação aos regionais parece ser mais a de uma pessoa pouco disposta a abrir mão da área que ocupa do que uma esperada submissão àqueles que, com o uso da violência, expropriaram e ocuparam suas terras.

A interdição da área com fins de demarcação é uma medida necessária a curto prazo e que, se não for implantada, pode comprometer todos os resultados obtidos até o presente. Como vimos atrás já há várias décadas os Avá-Canoeiro sofrem todo tipo de violências por parte dos interessados na ocupação de suas terras. O recente desaparecimento de 6 a 8 indivíduos do grupo arredio de Cavalcante mostra que essas coerções para que abandonem a área estão longe de terminar.

A simples existência do Posto em terras, ao que tudo indica tituladas em nome de um proprietário, demonstra que interesses de particulares serão atingidos. A não interdição da área e o desconhecimento de uma proposta de demarcação pode levar esses "proprietários" de terras indígenas a realizarem pressões e gestões junto a índios e funcionários do órgão na área, como já aconteceu num passado recente. O risco de violência física contra o grupo de Minaçu permanece e somente a definição da área e a discussão de desapropriação e/ou indenização poderia fazê-lo desaparecer.

2.1.2. Subsistência

Com a fundação do Posto no 2º semestre de 1983, veio também o fim das hostilidades e o estabelecimento de relações pacíficas e rotineiras dos Avá-Canoeiro com representantes da sociedade envolvente.

O grupo de Minaçu, ao que tudo indica, acredita e confia na continuidade desses contatos pacíficos.

Embora não saibam de seus direitos, e dos deveres da FUNAI, eles sentem, na presença do Posto e do sertanista Canguçu que controla e regulariza os contatos na medida do possível, uma indubitável garantia na continuidade das condições atuais de existência.

Prova dessa confiança e de sua vontade de permanecer no local com relações pacíficas, são as muitas derrubadas para o estabelecimento de roças feitas sempre por iniciativa dos índios e posteriormente apoiada pelo chefe do Posto.

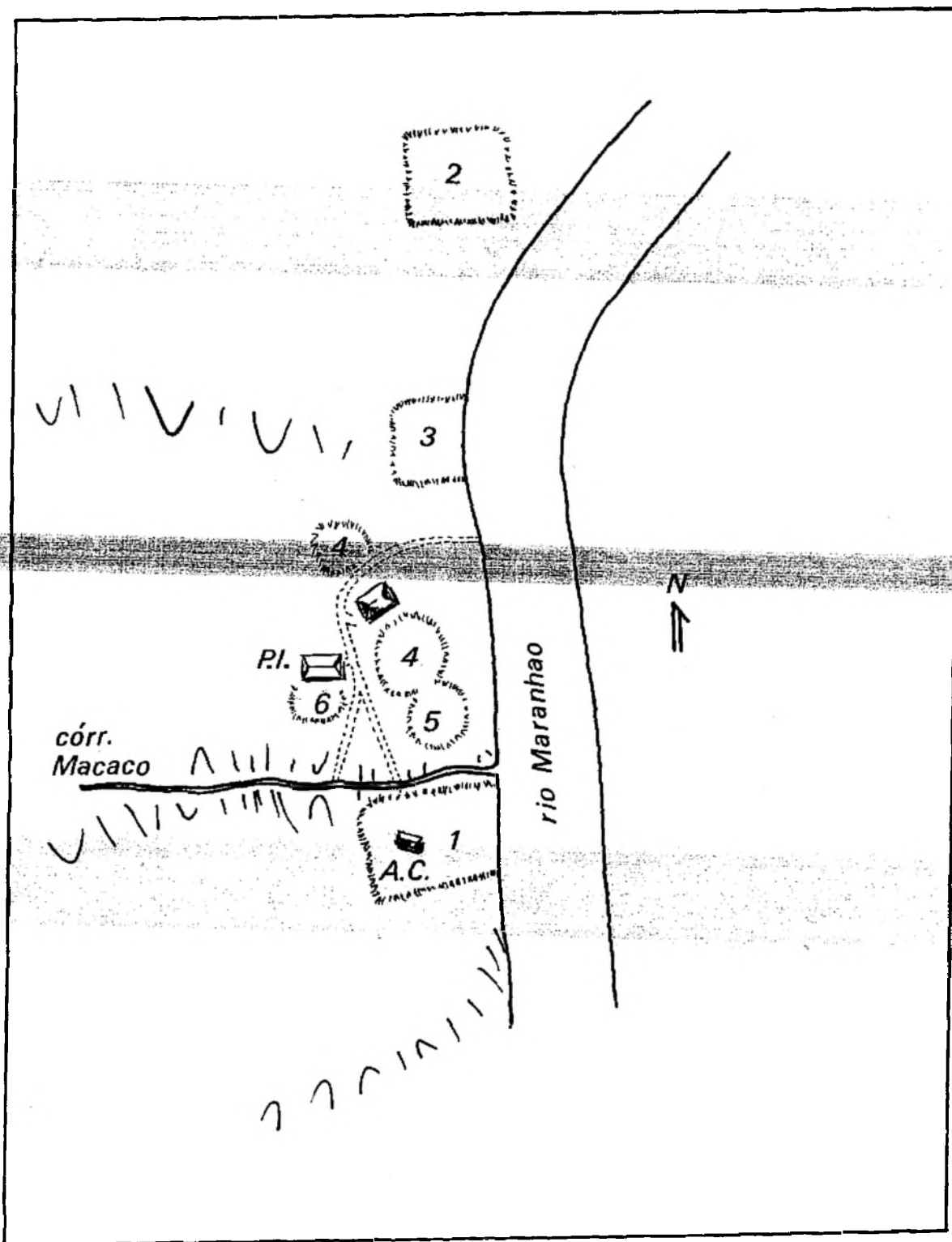
A casa dos Avã-Canoeiro localiza-se no interior de uma dessas derrubadas (roça 1), onde deverá ser plantado milho, arroz, feijão, etc.. A iniciativa da derrubada foi de Iawí, as mulheres não participam do trabalho, e posteriormente foi auxiliado pelo braçal do Posto, Sinval. O trecho roçado e derrubado mede aproximadamente 100 por 200 m, num declive que termina nas margens do rio.

A roça 2 localiza-se a aproximadamente 1 km do Posto. Medindo 100 m² o trecho derrubado destina-se exclusivamente ao plantio de mandioca, segundo Iawí. A outra derrubada (roça 3) mede aproximadamente 300 por 400 metros e está a poucos metros do P.I..

As roças 4 e 5, de mandioca e milho respectivamente, são mantidas pelo chefe do Posto para o consumo do pessoal da FUNAI. Em frente ao Posto existe uma pequena horta mantida pelo pessoal da FUNAI (nº 6 no croquis das roças na página seguinte).

Além dessas roças os Avã-Canoeiro plantam melancias nas praias do rio Maranhão, frequentemente pilhadas por garimpeiros, o que lhes causa grande irritação. Próximo à habitação dos Avã-Canoeiro, num terreno limpo cuidadosamente aberto e conservado de 10 m², plantaram mamoeiros e batata-doce. Curiosamente também demonstram zelo na conservação da pequena horta do Posto. Mais de uma vez vi Iawí chamar a atenção do filho do braçal da FUNAI que mexia imprudentemente nos novos pés de tomates.

A abertura de roças, as diversas plantações estabelecidas mostram que os Avã-Canoeiro estão se adaptando positivamente a um novo modo de vida. Acredito firmemente que grande parte do estímulo é devido ao fato de que eles se encontram vivendo hoje na área que sempre ocuparam. A perspecti



Croquis nº 2 - Localização das roças próximas ao P.I.A. (Minas - GO).

va de permanecerem no seu local de origem certamente leva-os a preparar as bases futuras de sua subsistência no local.

Nesse particular é muito reveladora a comparação da situação desse grupo com a do grupo de Canoanã, contatados em 1973 e transferidos para uma aldeia Javaé no Parque do Araguaia, que até o presente não demonstrou o menor interesse em plantar o que quer que seja numa terra que certamente não consideram como sua.

Nesse sentido deve-se louvar não só a feliz-decisão de fundar o Posto onde se encontra hoje, mas também deve-se lembrar a importância do apoio dado e a imperiosa necessidade de que este trabalho não sofra interrupções.

A curto prazo é necessário apoiar a abertura de roças através da garantia de sementes, manivas e do apoio da mão-de-obra do pessoal do Posto, uma vez que o grupo conta somente com Iawí para este tipo de trabalho.

Possibilidades de auto-suficiência econômica

Apesar desse esforço do grupo em assegurar-se de condições mínimas de subsistência no local, a possibilidade de recuperarem sua auto-suficiência alimentar permanece ainda distante.

Sendo um grupo essencialmente nômade, tradicionalmente obtêm alimentos através de ininterrupta movimentação numa extensa área de perambulação. Assim sendo torna-se-lhes problemático uma fixação por muito tempo num só lugar.

Os Avá-Canoeiro de Minaçu estão longe de serem um grupo indígena de hábitos sedentários. Permanecem no Posto por até uma semana quando então empreendem longas caminhadas que duram dias e às vezes semanas inteiras. Nessas caminhadas dedicam-se à caça e a coleta de produtos silvestres que são a base de sua subsistência já há mais de dois séculos de existência comprovada nessa área.

Mesmo se decidissem manter moradia mais permanente junto ao Posto, sua permanência nesse local é problemática. Como lá não conseguem caça eles ficam na dependência do pessoal da FUNAI para obtenção de alimentos vegetais e animais. A curto prazo a dependência deve ser diminuída à medida que suas roças passem a produzir. Já em relação à alimentos ricos em proteínas, antes obtidos através da caça e coleta, devem continuar numa to

tal dependência para a qual até o momento não existe solução. Desta maneira eles permanecem no Posto até esgotar-se a possibilidade de serem alimentados pelo pessoal da FUNAI. Estes por seu lado veem-se num dilema: apesar do desejo de que os Avã-Canoeiro passem a maior parte do tempo possível no Posto, evitando assim contatos com garimpeiros, moradores e com pessoal da FURNAS, não tem condições de providenciar-lhes alimentos enquanto lá estão.

Os índios também enfrentam opção semelhante: embora manifestem o desejo de permanecer no local onde tem sua segurança garantida, não tem condições de modificar, num período de tempo assim reduzido, todo o seu tradicional relacionamento com o meio ambiente em termos de subsistência. Sentem a total dependência alimentar em que estão enquanto permanecem no Posto, através de irritação do pessoal da FUNAI, quando começa a faltar comida, o que os leva às suas caminhadas.

Certamente uma das tarefas mais urgentes que se coloca no momento é o estudo de opções, ao nível de atividades de subsistência, que possibilitem a fixação dessa população, e do grupo que será contatado, numa área definida. Devemos, no entanto, ter a certeza que o atual nomadismo não será abandonado a curto prazo. A fixação do grupo só será possível através da viabilização de alternativas concretas para a obtenção de alimentos. O estudo dessas alternativas, repito, é condição fundamental para um contato o menos traumático possível que não coloque os índios na dependência alimentar do Posto, acostumando-os ao paternalismo e a uma pedicção que tende a se tornar constante.

2.1.3. Intercâmbio Social

Difícilmente poderia-se considerar o grupo local de Minaçu, composto de 1 rapaz, duas mulheres e uma menina, como unidade social relativamente autônoma, capaz de garantir a continuidade física e cultural de seus componentes.

Ao contrário, tudo indica que as razões que levaram à sua formação estão ligadas às condições de vida dos Avã-Canoeiro nas últimas décadas. Acredito que a composição do grupo seja fruto de condições históricas específicas (ataques a aldeias, perseguições, fome, nomadismo forçado, etc.). Desta forma dificilmente poderíamos tomá-los como exemplo de agrupamento social típico deste povo. Os Tapirapé do Araguaia, o grupo Tupi mais

próximo dos Avã-Canoeiro, também formaram grupos que passaram a viver isolados uns dos outros em função de ataques sofridos. Neste grupo, com efeito, um grupo formado por 20 pessoas separou-se da maioria da população (que passou a viver em contato com Missões e FUNAI) em função de um ataque Kaiapó, em 1947. Permaneceram isolados até 1970 quando os três remanescentes foram contatados e reunidos ao restante dos Tapirapê. Provavelmente entre os Avã-Canoeiro deve ter ocorrido algum fato semelhante. Convém lembrar a explicação do garimpeiro J. Xavante, que disse ser o grupo formado de gente incapacitada para seguir os demais nas suas caminhadas.

Com a separação do restante dos Avã-Canoeiro originários da Mata do Café, ocorrida provavelmente em 1980, este grupo passou a ocupar uma área bem definida. É no entanto difícil afirmar-se que se trata de um grupo territorial, com direitos exclusivos de caça, roça e coleta nesta área, uma vez que até 1980 os atuais grupos de Minaçu e Cavalcante viviam juntos no local.

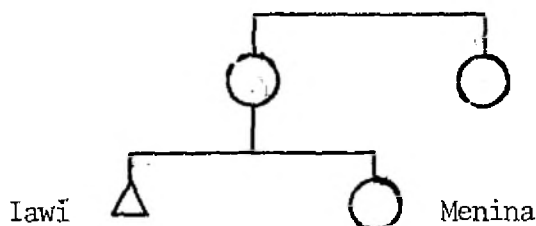
É ainda possível que a atitude em relação aos brancos tenha sido a causa dessa separação, como vimos na história dos grupos do alto Tocantins. A aceitação desta hipótese explica porque, apesar de relativamente próximos, os arredios de Cavalcante não tenham visitado seus parentes no Posto. Não se sabe se os dois grupos ainda mantêm contatos, o que poderia ser perfeitamente feito nas longas caminhadas empreendidas pelos de Minaçu. Mesmo que esses contatos se dêem, não devem passar de rápidos encontros, dada a distância, o tempo gasto para se atingir as serras de Cavalcante e a sua relativa fixidez junto ao Posto. Assim, mesmo que não tenham perdido totalmente o contato com seus parentes, o intercâmbio social possível não pode ser significativo, dada a irredutibilidade das opções dos grupos (o de Cavalcante permanece arredio e o de Minaçu não quer retornar a "clandestinidade" e perder suas roças e as amizades conquistadas junto aos brancos).

De resto, acredito que, se os regionais sabem a localização dos Avã-Canoeiro de Cavalcante através dos vestígios de sua passagem, também a conhecem os índios reunidos junto ao Posto. Se não se reúnem com os demais é devido às diferentes atitudes tomadas pelos grupos frente ao branco ou então por um desejo expresso de preservar sua autonomia.

Apesar dessa sua relativa independência "política" em relação ao grupo majoritário, os de Minaçu encontram-se totalmente isolados no to-

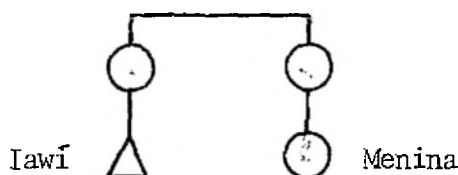
cante à possibilidade de intercâmbio social. Com efeito nenhum dos quatro indivíduos parece dispor de conjugues potenciais dentro do grupo. Dada a ~~ine-~~ existência de sinais de vida marital entre o rapaz e qualquer uma das três mulheres, pode-se supor que isso se dê em função de uma consaguinidade pre-sumível.

Desta forma teríamos:



Ou seja, as duas mulheres seriam irmãs e Iawĩ e a menina filhos de uma delas.

A outra possibilidade seria a de que as mulheres fossem irmãs e os jovens fossem filhos delas. Nesse caso não se explica a não-união de Iawĩ com a menina.



Quando lhes perguntava sobre suas relações de parentesco esquivavam-se das perguntas com a mesma habilidade de quando lhes perguntávamos os nomes das mulheres e da menina.

Acredito que, como no caso dos nomes, a resistência para dizer quem era filho de quem, quem era irmão de quem, como era o nome do pai, etc., é uma atitude consciente e proposital para evitar nossa intromissão naquilo que consideram como seus assuntos privados. De resto, sei que sabiam do que eu falava quando lhes perguntava seu parentesco. Uma vez quando eu lhe perguntei o nome de seu pai, Iawĩ ao invés de responder disse-me, meio brincando, meio curioso, que eu André era filho do sertanista Canguçu.

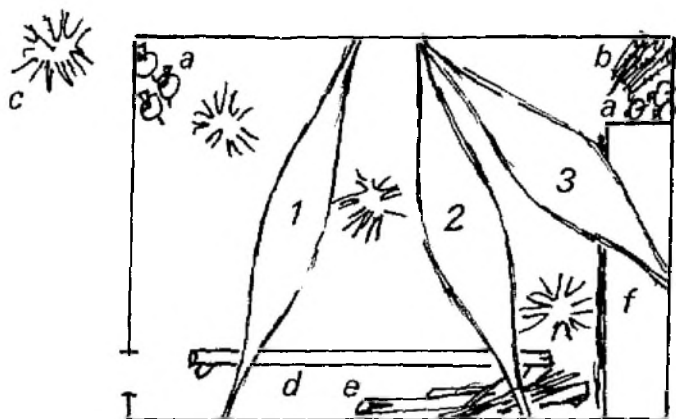
Reparei também que sempre que a menina permanecia no Posto, junto com o antropólogo e pessoal da FUNAI, Iawĩ estava presente, observa-

dor. Em agosto estávamos, eu e a menina, sentados num banco enfrente ao Posto coletando palavras em Avã-Canoeiro com o gravador. A menina, ao ficar sô comigo, aparentava grande perturbação, olhando constantemente para Iawí que a vigiava da casa do braçal que fica a uns 40 metros, e onde estavam todas as outras pessoas. Apesar do seu nervosismo mostrava-se disposta a colaborar e a repetir palavras, atividade que sem dúvida considerava insólita mas que, como aparentemente me satisfazia, não hesitava em me auxiliar. Em dados momentos senti uma observação tão intensa por parte de Iawí que me perguntei se aquilo era fruto do medo natural devido aos estranhos ou uma evidente manifestação de ciúme.

Num dado momento a menina subitamente apontou Iawí e me disse: [tšemená] ('meu marido')! A forma empregada no entanto é tão parecida com a de outras línguas Tupi, que acredito ter ela empregado uma palavra que ouviu de mim (nas minhas perguntas) ou de outros pesquisadores estiveram na área (em especial o antropólogo Mércio Gomes da UNICAMP, que conhece a língua dos Guajã e Guajajara, e que esteve com o grupo recolhendo um vocabulário, no 2º semestre de 1983).

Posteriormente tentei confirmar essa informação mas só obtive evasivas, o que me leva a duvidar se aquilo que escutei tinha o significado que lhe atribuía.

A disposição dos indivíduos no interior de sua casa também parece indicar a ausência de qualquer união entre pessoas do sexo oposto.



Croquis nº 3: Esquema da habitação Avã-Canoeiro de Minaçu: a) maracas; b) flautas; c) local dos fogos; d) instrumento musical; e) lenha; f) mesa.

A única coisa que notamos é a existência provável de parentes co muito próximo entre a mulher mais velha e a menina, que dormem juntas na mesma rede (nº 3). João dorme na rede nº 2 e a outra mulher na rede nº 1. Esta distribuição foi-me revelada pelo braçal do Posto. Nunca os vi instalarem-se para descanso em redes outras que não as que lhes foram atribuídas.

Desta maneira, tudo leva a crer que a aparente inexistência de uniões entre os componentes do grupo se explica por proibições ditadas pelo parentesco e pela consangüinidade.

Essa situação de absoluta inexistência de parceiros do outro sexo e as muitas demonstrações de afeto dispensadas aos visitantes, principalmente pelas mulheres, são interpretadas por alguns como sendo resultante duma carência afetiva. Mais de uma vez escutei a opinião, de garimpeiros e do pessoal da FUNAI, de que "essas índias tão precisando de homem".

Essas demonstrações de afeto, algumas delas desconcertantes, podem ser explicadas de outra maneira. Talvez os índios estejam apenas querendo "conquistar" e "acalmar" os recém-chegados dizendo-lhes, por meios de gestos, que ele (o visitante) é querido, que está tudo bem, em paz.

Acredito que a inexistência de parceiros deve ser um problema concreto que se coloca para este grupo. Acredito também que eles estejam conscientes disso e procurem resolvê-lo. São que, ao invés de acreditar que eles estejam desastrosamente procurando resolvê-lo com os civilizados, creio que eles tem bem certo para si de que a solução só virá quando eles voltarem a travar relações com outros Avá-Canoeiro. Neste aspecto, deve ficar claro que o grupo de Minaçu não tem condições de continuidade física dentro das condições atuais.

Assim, esta situação pode perdurar até que se faça o contato e a reunião dos arredios com os Avá-Canoeiro de Minaçu.

Uma outra solução a ser estudada para ser adotada mais a curto prazo é a de promover encontros e reuniões com os Avá-Canoeiro contatados em 1973 e instalados no P.I. Canoanã. Este grupo, constituído por uma só família, apresenta um rapaz, uma moça e um jovem adolescente solteiros, além de um homem e uma mulher mais velhos.

Já foi feita uma experiência desse tipo, creio que no final de 1983, quando um homem e o adolescente visitaram o grupo de Minaçu. Nesta ocasião os índios entenderam-se perfeitamente apesar de esperadas diferenças dialetais, originadas de mais de 40 anos no mínimo de separação dos grupos.

Assim, promover encontros e reuniões entre os Avã-Canoeiro já contatados é uma prática a ser incrementada, não só pela esperança do estabelecimento de uniões, mas também porque representa a possibilidade de um intercâmbio social mais amplo entre estes grupos atualmente confinados, um a uma realidade Javaé e outro a um contexto regional. É também uma forma de contribuir para a formação de uma (sempre relativa) autonomia social que lhes permita desenvolver formas de resistência, baseadas na identidade étnica, capazes de fazê-los adaptar-se a uma nova realidade, em permanente contato com a população goiana.

2.2. O grupo de Canoanã

2.2.1. Situação da Terra

Os Avã-Canoeiro contatados em 1973 no município de Formoso do Araguaia, fazem parte do grupo do Araguaia, que se separou definitivamente do restante da população Avã-Canoeiro que permaneceu na região do alto Tocantins, provavelmente na década de 40. Além desses contatados, parte do grupo permanece ainda isolado na Mata do Mamão (ver adiante em 3.2.).

Dados sobre a história desses grupos podem ser encontrados no trabalho "Os Avã-Canoeiro de Goiás" (Torai, 1982) já mencionado atrás.

Da mesma forma que os do alto Tocantins os do Araguaia também eram hostilizados pela população regional. O abate de gado, numa região de ocupação recente, tornaram especialmente tensas suas relações com as fazendas e empresas pecuárias dos municípios que percorriam. A sua zona de perambulação acabou sendo reduzida ao interflúvio dos rios Formoso e Javaés e ao interior da Ilha do Bananal. A única mancha florestal disponível para se refugiarem no inverno da região era a Mata Azul, localizada nas terras da Agro-Pastoril Canoanã, de propriedade do grupo BRADESCO. Sua presença neste local era já tradicional e conhecida pelos Javaé e pela população vizinha.

Talvez em função das recentes (na época) perseguições praticadas pelo pessoal da fazenda, em especial durante a gestão do gerente Miroveu segundo denúncias apresentadas na ocasião, o grupo foi, logo após o contato, imediatamente transferido para o Posto Indígena Canoanã, no Parque Indígena do Araguaia. No novo local os Avã-Canoeiro passariam a conviver com a população regional e com os Javaé. Apesar da proximidade relativa em relação à Mata Azul, menos de 20 km atravessando-se o rio Javaés, os Avã-Canoeiro estavam irremediavelmente afastados das suas terras e da área que ocupavam até o contato.

Este grupo, que há 50 anos aproximadamente instalou-se nessa região, pode ser considerado como uma "intrusão recente" nas terras próximas ao rio Javaés, ocupadas pelo menos desde o século XVII pelos índios homônimos. Seus conflitos com essa população e com os regionais acabou por confiná-los às matas nas duas margens ao Javaés, onde ainda teriam condições de sobrevivência.

Transladados para o P.I. Canoanã eles estavam sendo transferidos para as terras de seus ex-inimigos e vizinhos Javaé. Mesmo depois de instalados voltariam ainda a percorrer a Mata Azul em busca de caça ou os pastos da fazenda Canoanã em busca de gado. Em função da possibilidade de surgimento de atritos os Avã-Canoeiro são pressionados a não mais utilizarem a outra margem do rio, terras da fazenda Canoanã, suas terras de ocupação tradicional. Atualmente tendem a limitar sua zona de perambulação às matas próximas ao Posto, com graves danos à sua alimentação (ver adiante 2.2.2.). Instalados em terras que não consideram como suas, até o presente os Avã-Canoeiro não demonstraram entender o quadro atual como permanente, adaptando-se a uma nova situação com a abertura de roças, ao contrário dos de Minaçu, instalados no seu território original.

Parece fora de dúvida que numa eleição de área para este grupo o (primeiro) critério deve ser a existência de matas suficientes para sua manutenção. As manchas florestais onde a presença do grupo tem sido mais insistentemente assinaladas são as da Mata Azul e a Mata do Mamão.

A definição de uma reserva definitiva para assentamento deste grupo somente poderá ser encaminhada depois de efetivado o contato com o restante do grupo Avã-Canoeiro do Araguaia que, acredita-se, deve estar localizado no interior da Mata do Mamão, no Parque Nacional do Araguaia. Só então poder-se-á pensar na escolha de uma área para se reunir essa popula-

ção dispersa por um contato desfavorável.

Fica claro também que a atual situação dos Avã-Canoeiro de Canoanã, alojados nas terras dos Javaé, é amplamente insatisfatória e deve ser solucionada o mais rápido possível. Ao isolamento cultural, lingüístico e social em relação aos Javaé soma-se a completa desarticulação de sua relação com o meio, que os coloca numa total dependência alimentar e psicológica em relação ao Posto (ver 2.2.3.). Sua rearticulação como grupo indígena passa pela resolução da situação atual, de expropriados de seu território original, pela reunião dos grupos e pela escolha de um local de assentamento definitivo.

Conseqüentemente, o quadro negativo da situação da terra atual só se alterará quando se obter mais dados acerca dos restantes Avã-Canoeiro da Mata do Mamão e de como encaminhar a reunião e fixação dos grupos atualmente separados.

2.2.2. Subsistência

Como os demais grupos Avã-Canoeiro os de Canoanã também se adaptaram a um modo de subsistência baseado principalmente na caça, coleta e no abate de animais (eqüinos e gado) das fazendas vizinhas e num nomadismo permanente. Depois de atraídos e fixados no P.I. Canoanã passaram a sofrer penúria alimentar devido à impossibilidade de exercerem suas antigas atividades de subsistência, seja pela pressão para que cessem o abate de animais, seja pela impossibilidade de retornarem a Mata Azul depois de instalados nas terras do Parque Indígena do Araguaia. A inexistência de matas apropriadas, onde a caça poderia dar-lhes condições de sustento, e a falta de estímulo para praticarem a agricultura, em novas formas até então desconhecidas e numa terra que não lhes pertence, faz com que não tenham outra alternativa, senão a mendicância, para se adaptarem ao sedentarismo em que estão. Esta falta de opções faz com que o rapaz Agademí cada vez mais acompanhe os Javaé nas suas excursões de pesca ao interior da Ilha, ausentando-se longos períodos dos demais Avã-Canoeiro que ficam no Posto. Em 1980 e 1984 quando o encontrei nas aldeias de Canoanã e Boto Velho já havia adquirido o vício de beber, certamente aprendido em cachaçadas que freqüentou com os Javaé e "mariscadores" (pescadores profissionais) quando

acompanhava os primeiros nas excursões de pesca, e gozava já de triste fama de beberrão contumaz.

Passados 11 anos após o contato os Avã-Canoeiro de Canoanã são tão totalmente não adaptados a um estilo de vida cada vez mais sedentário e totalmente dependentes do pessoal da FUNAI para a obtenção de produtos da roça, que não cultivam, e de proteína animal, que antes conseguiam por conta própria.

De 1978 a 1980 quando estive no P.I. Canoanã os Avã-Canoeiro não saíam da cozinha da casa de João Batista Araújo, remanescente da frente de atração e encarregado do seu atendimento, sempre a mendigar restos de refeições, um prato de farinha, um pedaço de peixe ou qualquer outra coisa que lhes ajudassem a espantar a companhia sempre presente da fome. A subnutrição crônica só se interrompia após as raras caçadas bem sucedidas empreendidas por Tutau e Agademí, que para isso se ausentavam por dias deixando a alimentação das mulheres e crianças aos cuidados do pessoal da FUNAI.

A resolução do grave problema de subsistência dos Avã-Canoeiro de Canoanã só será resolvido com o assentamento definitivo numa área adequada a seu estilo de vida. A curto prazo, da mesma maneira que em relação aos Avã-Canoeiro de Minaçu, faz-se necessário estudar alternativas de alimentação possíveis de serem adotadas por este grupo.

2.2.3. Intercâmbio Social

Apesar da reconciliação formal dos remanescentes Avã-Canoeiro com os Javaé, promovida pelos frentistas da FUNAI em 1973, a convivência entre esses dois grupos está longe do ideal.

Além das diferenças culturais e linguísticas que os separam (os dois dialetos são mutuamente ininteligíveis⁽¹⁾) os Javaé e os Avã-Canoeiro guardam bem vivos na memória as diversas mortes e entreveros ocorridos em muitos anos de relações hostis. Vinganças podem ter sido inviabili-

(1) O Javaé é um dialeto Karajá, do tronco linguístico Macro-Gê. O Avã-Canoeiro é um dos subgrupos da família Tupi-Guarani do tronco Tupi.

zadas mas nem por isso os ressentimentos e a desconfiança parecem ter desa parecido.

De 1978 a 1980 os Avã-Canoeiro nos seus deslocamentos no inte-
rior do P.I. Canoanã, evitavam o "setor" Javaé (onde só existiam habita-
ções desses índios) preferindo restringir-se ao "setor" branco do Posto:
residência dos funcionários, instalações do P.I. e residências dos índios
Tuxá (da BA), então instalados no local. Nas raras vezes que se aventurava
pela aldeia, Tutau o fazia, invariavelmente, portando uma flecha com ponta
de metal, um facão ou um chuço (lança com ponta de metal).

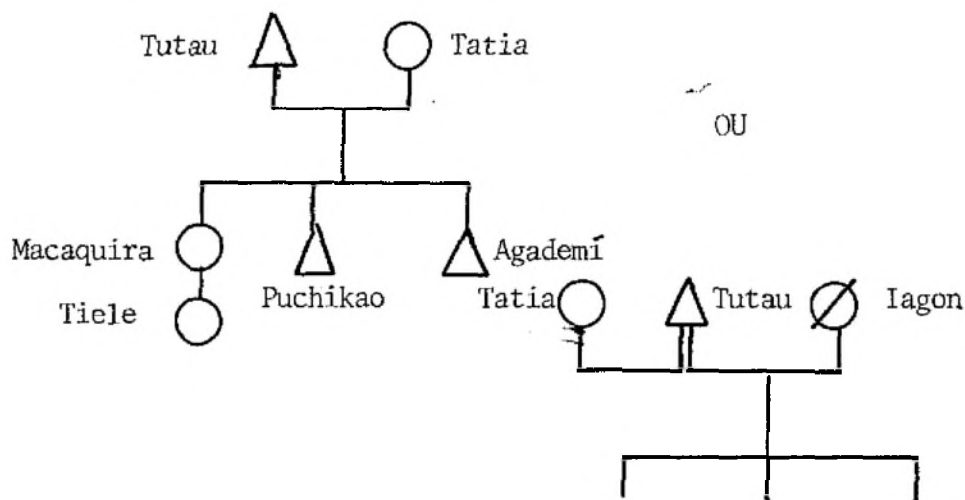
A menina, hoje uma moça, que chegou em 1973, teve um filho,
a menina Thiele, com um rapaz Javaé. Este último, no entanto, limitou-se
ao papel de progenitor biológico, não tendo jamais demonstrado-se disposto
a assumir qualquer uma das tarefas de um pai.

Estes e diversos outros indícios (Torral, 1982:25-26) resultam
objetivamente na pouca esperança de que se estabeleça, a curto prazo, rela-
ções sociais minimamente simétricas e positivas, aos Avã-Canoeiro, na sua
convivência com os Javaé.

A dependência alimentar em que estão, a intermediação do Pos-
to nas suas relações com os Javaé e os 10 anos de relação com o referido
funcionário terminaram não só por tornar os Avã-Canoeiro dependentes em
muitos aspectos deste último, mas também por cristalizar atitudes de pater-
nalismo, mendicância e passividade que devem ser desestimuladas. O objeti-
vo é capacitá-los para que tenham condições de participar ativamente em um
planejamento duradouro de seu futuro que leve em consideração suas necessi
dades reais..

Da mesma forma que os Avã-Canoeiro de Minaçu, os de Canoanã
se encontram com limitadas possibilidades de intercâmbio social positivo
com a população envolvente. Os primeiros porque estão isolados num contex-
to regional e os últimos porque estão envolvidos por uma população Javaé.

No grupo de Canoanã temos, além do casal de adultos e um meni-
no, um rapaz e uma moça solteiros, aparentemente irmãos, conforme genealo-
gia desse grupo na página seguinte:



No grupo de Minaçu temos 2 mulheres, uma menina e um menino aparentemente solteiro e adultos. A possibilidade de uniões entre os grupos é inquestionável, tornando-se necessárias medidas que as concretizem.

Além do estímulo a uniões, o contato entre os dois grupos favorecerá relações entre indivíduos do mesmo sexo e idades e a uma prática social e cultural mais intensa. Nesse particular deve-se tentar criar condições para que o grupo de Canoanã recupere e se interesse pela atividade musical, intensamente praticada pelos de Minaçu com suas flautas, cantos e maracas, e que representa papel preponderante na vida religiosa da maioria dos grupos Tupi.

Dada a similaridade das situações e a provável complementaridade entre os grupos, recomenda-se o estudo da ampliação dos contatos entre eles, através de promoção de visitas, reuniões, etc. (ver 2.1.3.).

3. Os grupos Avã-Canoeiro sem contato

3.1. O grupo do rio Manuel Alves

A presença dos Avã-Canoeiro no rio Manuel Alves já foi assinalada desde o século XVIII. Ver parte histórica em Toral (1982:7).

Nesta sua zona de perambulação já tradicional as últimas aparições foram em 1981, quando chegaram à FUNAI reclamações de moradores proprietários de porcos que haviam sido flechados pelos índios.

Nesse ano o sertanista Otávio Canguçu subiu o rio até as cabeceiras à procura de sinais da passagem dos Avá-Canoeiro pelo local. Recolheu informações e visitou 4 ranchos na margem do Manuel Alves, sucessivamente abandonados pelos índios à medida que os regionais se instalavam na região. Seguindo o deslocamento do grupo através dos "ranchos" encontrados, o sertanista chegou à conclusão que os índios se dirigiam à cabeceiras do rio. Nesse ponto, próximo ao local onde se encontrava o "último morador", internaram-se na sua margem direita em direção à Serra do Baixadão, ou da Baixa Grande.

Não se tem mais nenhuma notícia desse grupo até o presente. A sua zona de perambulação é excepcionalmente distante daquelas dos grupos de Minaçu (200 km de distância) e Cavalcante (100 km a partir do ponto mais próximo ao alto Manuel Alves, o município de Arraias, onde estiveram entre 1980-83, e 150 km distante de onde estão hoje, em Cavalcante). Além disso, sua fixação na área deve ser antiga e ininterrupta, dado o número de aldeamentos encontrados.

A distância que os separa destes grupos e dos grupos do Araguaia faz supor que se trata de um grupo autônomo com existência comprovada. Não tive oportunidade de ver o relatório do sertanista Canguçu, feito por ordem do então Superintendente da FUNAI e encaminhado ao delegado da 7ª Delegacia Regional.

A movimentação constante do grupo, indicativa de fuga devido provavelmente a contatos adversos com a população, indica necessidade urgente de se obter informações mais recentes e detalhadas acerca de sua localização e do relacionamento com a população.

A localização e a atração subsequente devem ser feitas o mais rápido possível, sob pena de perder-se a pista do grupo, expondo-os a serem "espantados" para longe pela população regional.

3.2. O grupo da Mata do Mamão

Formado por parte do grupo do Araguaia que recusou o contato em 1973, estes Avá-Canoeiro encontram-se atualmente refugiados na Mata do Mamão, na parte norte da Ilha, nas terras do Parque Nacional do Araguaia.

Sua presença no local foi assinalada por depoimentos de regionais, Javaé e pela diretora da Divisão de Parques do IBDF, dra. Raquel Milano, que declarou haver avistado "ocas" rústicas num sobrevôo que fez na Mata do Mamão.

As notícias da época do contato permitem situar a população deste grupo entre 7-14 indivíduos (Torai, 1982:27).

Apesar de ser considerada "zona intangível" pelo IBDF a Mata do Mamão é visitada por mariscadores clandestinos, grupos de pesca Karajá e Javaé, além dos arrendatários do Parque Indígena do Araguaia e do Parque Nacional do Araguaia que vivem próximos à grande mata dedicando-se à pecuária.

Ainda que localizada atualmente dentro dos limites do P.N.A., a posse da Mata do Mamão é uma antiga reivindicação Javaé e Karajá, que desejam explorar a pesca no local (a área é de reprodução de muitas espécies de peixes, dentre elas a do pirarucu, o mais valioso para venda).

A existência de Avã-Canoeiro no local e a sua localização devem ser melhor investigadas, afim de que se possa situá-los na futura retificação de limites do P.N.A. com o P.I.A. na Ilha do Bananal.

Convém lembrar também que o problema da definitiva fixação dos Avã-Canoeiro de Canoanã está na dependência do estabelecimento de contato com o grupo da Mata do Mamão. Se for comprovada sua existência, deve-se encaminhar a atração, uma posterior reunião e fixação dos grupos na Mata do Mamão.

3.3. O grupo de Unaí (provável)

Consideravelmente a leste da região do alto Tocantins, próximo à localidade de Unaí, no estado de Minas Gerais, tem sido assinaladas notícias dando conta da morte de animais praticadas por índios, supostamente Avã-Canoeiro.

Dada a distância dos demais grupos e a falta de mais informações, faz-se necessário um levantamento na área para se avaliar os indícios e a possibilidade de serem realmente índios Avã-Canoeiro.

3.4. O grupo de Cavalcante

De todos os grupos ainda sem contato este é seguramente aquele em relação ao qual se dispõe de mais dados.

Como se viu atrás, este grupo é originário de Santa Tereza, tendo iniciado, no final da década de 70, um deslocamento para leste, cruzando o Maranhão, até atingirem os municípios de Arraias e Campos Belos. Dali retornaram para próximo ao rio Maranhão, terminando por instalar-se no município de Cavalcante, refugiados na Serra Branca, numa mata denominada "Baixada das Antas". São comumente avistados pela população regional mas não demonstram intenção de entabular relações.

Talvez pese nessa decisão a hostilidade e as mortes recentes praticadas pela população regional. Uma relação detalhada dessas violências pode ser vista atrás (páginas 1 e 2). De 1980 até 1984, esse grupo teria sofrido a perda de 8 indivíduos provavelmente por morte violenta, segundo denúncias colhidas na área, estando reduzido hoje a 10 indivíduos.

Este grupo requer, de imediato, uma avaliação das condições em que vivem e das condições em que se fará a atração. Dadas as condições em que vivem, fica claro que o grupo corre o risco objetivo, e possível, de sofrer ataques por parte de pessoas interessadas nas terras que ocupam, como de resto vem sofrendo há muitas décadas. Conseqüentemente, o início dos serviços de atração é uma necessidade urgente e inadiável.

Somente com o reconhecimento do sítio onde vivem poder-se-á pensar numa proposta única de terra que abrangesse os Avã-Canoeiro de Cavalcante e Minaçu.

Obviamente a escolha da área dependerá de uma decisão que esteja em sintonia com o pensamento e a proposta dos próprios índios.

Deve-se lembrar também da necessidade de retirar os grupos Avã-Canoeiro já contatados do isolamento em que se encontram, favorecendo a reunião de grupos separados historicamente pelo contato.

Desta maneira, somente com a reunião dos grupos de Minaçu e Cavalcante poderia-se pensar, como já foi dito acima, nos critérios para a definição de uma área única de terra para os Avã-Canoeiro do alto Tocantins.

4. Síntese dos encaminhamentos sugeridos

Orientações gerais:

Como se viu atrás, é urgente a necessidade de estabelecimento de reservas definitivas para os Avã-Canoeiro do Araguaia e do Tocantins.

No entanto, este trabalho somente poderá ser feito após o contato com os arredios do Araguaia (refugiados na Mata do Mamão) e do alto Tocantins (refugiados em Cavalcante) e na posterior reunião com os grupos hoje instalados, respectivamente, no P.I. Canoanã e P.I.A. Avã-Canoeiro.

Uma outra importante questão em aberto sobre o futuro destes grupos é a que diz respeito à ^{sua} ~~uma~~ possibilidade de existência, como grupo indígena, divididos como estão em grupos pouco numerosos, consagúíneos e isolados num meio regional e Javaé.

Também esta questão só poderá ser abordada após o contato e reunião dos grupos no Tocantins e no Araguaia. São então poder-se-á avaliar a conveniência de se reunir os componentes destes dois grupos, formando um só grupo local com os 5 ou 6 atualmente existentes.

4.1. Grupos já contatados (P.I. Canoanã e P.I.A. Avã-Canoeiro)

Subsistência:

- Realização de estudos para implementação de atividades alternativas de subsistência que viabilizem uma maior fixação na terra (criação de animais, apoio à diversificação da atividade agrícola, etc.).
- Apoiar o estabelecimento de roças na sua área de ocupação tradicional, junto ao P.I.A. Avã-Canoeiro (em relação ao grupo de Minaçu). Concretamente isso implica no fornecimento de manivas, sementes e auxílio em derrubadas.

4. Síntese dos encaminhamentos sugeridos (continuação)

Terra:

- Garantir a continuidade do funcionamento do serviço de assistência do P.I.A Avã-Canoeiro em Minaçu.
- Implementação das medidas para imediata interdição da área mencionada acima, com fins de (1) garantir a continuidade das atividades de subsistência e para (2) evitar pressões e violências por parte de pessoas interessadas nas terras em que hoje esse grupo se encontra. A área a ser interdita deve englobar sua zona de ocupação recente, sítios 1, 2 e 4 (ver 2.1.1.).
- Encaminhar as operações de atração e o reconhecimento da área dos grupos arredios da Mata do Mamão e Cavalcante dada a necessidade de reunião em escolha definitiva de duas reservas para os grupos do Araguaia e do alto Tocantins.

Intercâmbio Social:

- Estudar formas de se promoverem encontros e reuniões entre os Avã-Canoeiro já contatados, atualmente vivendo no P.I. Canoanã e no P.I.A. Avã-Canoeiro, promovendo o relacionamento dos grupos.

4.2. Grupos arredios (Cavalcante, Mata do Mamão, Unã e Manuel Alves):

- Efetuar levantamentos do local e das condições em que vivem cada um dos grupos arredios. A partir desse levantamento estabelecer as atrações prioritárias.
- Especificamente em relação aos arredios de Cavalcante: um levantamento de área para o planejamento dos trabalhos de atração necessários.

ANEXO 1

Entrevista com o garimpeiro Joaquim Xavante

Dia 8/8/84 - Quarta-feira

Município de Cavalcante - GO

Joaquim Xavante - Então, esses índios que salto (o rio Maranhão do lado de lá, município de Minaçu) pra cá (município de Cavalcante) foi tangidamente jogado em absurda pelo o Zé Porfírio. Aquela jagunçada do Zé Porfírio jogou esses índios prá cá, e eles vieram a uma metade deles prá cima de mim, Joaquim Xavante. Até hoje aí esta eles, apanhados, pegaram quatro, e tem 10, no mato. Diariamente eu enxergo a eles. Mas não pude conseguir ainda trazer, arrebanhado, porque minhas forças não dá.

André A. Toral - Aonde que era o primeiro lugar que o sr. sabe que esses índios moravam? Era lá para os lados de Santa Tereza? Onde que era?

J.X. - Na Mata do Café.

A.A.T. - Eles trabalharam com alguma fazenda, tiveram contato com algum fazendeiro lá na Mata do Café?

J.X. - Não teve contato nenhum. É porque os fazendeiros tomaram a aldeia deles.

A.A.T. - Aonde que ficava a aldeia deles lá na Mata do Café?

J.X. - Dentro da Mata do Café.

A.A.T. - E onde fica a Mata do Café?

J.X. - Fica no município de Uruaçu.

A.A.T. - Esses outros 10 índios que o sr. falou atrás, o sr. faz idéia de que rumo eles tomaram agora?

J.X. - Estão no município de Cavalcante, nessa mesma (margem), do lado de cá do Maranhão.

A.A.T. - O sr. conhece um cacique chamado Grosso (dos Avã-Canoeiro de Cavalcante) que parece que é o líder deles lá?

J.X. - Não.

A.A.T. - Eles tem contato com garimpeiro lá em Cavalcante?

J.X. - Não.

A.A.T. - E eles vivem sozinhos no mato, tem aldeia?

J.X. - Não tem aldeia. Vive sozinho mas não tem aldeia. Vive jogado, realmente sem morada.

A.A.T. - E eles tem matado animal aqui do povo, aqui por perto recentemente?

J.X. - Tem. Já matou uns 30 animais.

A.A.T. - Qual é o fazendeiro, morador aqui que já perdeu mais gado, mais animal para os Canoeiro?

J.X. - O Pedro e o Zê Inácio e o Velho Marcelino.

A.A.T. - Da onde eles são?

J.X. - Daqui mesmo, do município de Cavalcante.

A.A.T. - E eles moram aqui nessa beira do Maranhão?

J.X. - Nenhum mora mais, nenhum mora mais.

A.A.T. - Qual os lugares aqui que o sr. conhece que tem aldeia antiga dos Avã-Canoeiro? Eu já conheci dois lugares. Um perto da aldeia, 50 m., onde inclusive tem um pilão velho...

J.X. - Tem outro aqui perto.

A.A.T. - Aonde?

J.X. - Aqui na beira desse rio, ali em baixo, na fazenda do dr. Severino, aí na beira do correjo ali em baixo, ali tem uma cacaiada de louça danada. Eles

(os índios) trabalha com louça, tem muita louça, caco de louça.

A.A.T. - *Quantos kms. daqui para baixo?*

J.X. - *Daqui para baixo tá uns 6 kms.*

A.A.T. - *Na margem esquerda ou direita?*

J.X. - *Na margem, daqui para lá, esquerda.*

A.A.T. - *Na outra margem então (município de Minaçu).*

A.A.T. - *Fica bem assim na beirinha?*

J.X. - *Fica beirando, no pé da Serra.*

A.A.T. - *Tem alguma gruta, algum correço perto?*

J.X. - *Tem. Tem três correços.*

A.A.T. - *Quais são?*

J.X. - *Não tem nome, nenhum deles.*

A.A.T. - *Além dessa aldeia aqui em baixo o sr. conhece algum outro resto de aldeamento deles, antigo assim?*

J.X. - *Não, não conheço. Só conheço esta esta e conheci esta aqui do João porque esses aí tava (inaudível).*

A.A.T. - *O "rancho velho do João"?*

J.X. - *É o "rancho velho do João". Esse eu conheci. Eu vim aí.*

A.A.T. - *O sr. conhece a "casa de pedra" que parece que fica em uma destas serras aqui?*

J.X. - *A casa de Pedra do Pontal, onde eles tava? É aqui (aponta a primeira montanha em frente ao posto olhando em direção de Cavalcante). De rumo a rumo, direto, tá aqui atrás.*

A.A.T. - Quanto tempo dá de caminhada para lá?

J.X. - Ah! É lá em riba!

A.A.T. - E lá tem o que?

J.X. - Eles andavam aí. Eles arranchavam aí. Quando eu chegava aqui para pescar eles vinham de lá, vinham aí. E chegava eu pegava peixe, dava peixe para eles e eles viajavam prá lá, iam embora. Mas eu não tenho direito de ir porque perseguiam muito (os índios) e não posso ir. Agora aqui, por causa da FUNAI, esta estabeleceu agora a tocar esta vida deles, eu to distribuindo agora o meu saber que eu conheço.

A.A.T. - E ali é uma casa de pedra mesmo?

J.X. - É, não. É uma pedra armada. Não é casa não, é uma pedra armada, não é coisa com coisa, não.

A.A.T. - E eles montavam o barraco deles lá na pedra?

J.X. - É, eles ficava lá uns tempo. E agora eles mora prá qualquer lugar que eles chegam, que eles fica ali um dia, dois dias, dá fé do motivo de gente e viaja.

A.A.T. - Toda vida andando?

J.X. - É, toda a vida andando.

A.A.T. - O sr. já encontrou roças deles aqui na região?

J.X. - Nenhuma.

J.X. - Esses (inaudível) fizeram, mataram duas: uma gestante e a outra, também. Mas, já foi passado, ninguém pode se tocar prá frente.

A.A.T. - O sr. não quer lembrar esse "causo" prá gente?

J.X. - Nem pode relembrar. Porque tem que buscar lá a sepultura. Agora depois deles tudo manso é que nós vamos vê o que nós vamos fazer. Porque, quem é, eu conheço. Mas não sei da sepultura. Mas eu conheço as pessoa. Num posso falar o nome. Mais adiante falava.

A.A.T. - Mas é sepultura de Canoeiro ou de cristão?

J.X. - É desses mesmos (Avã-Canoeiro) daqui.

A.A.T. - A gestante então foi Índia?

J.X. - Índia.

A.A.T. - Porque tem história que eles (Índios) mataram uma gestante cristã, que eles espetaram...

J.X. - Não. Espetaram foi do outro lado (do rio) porque estavam tomando as aldeias deles.

A.A.T. - Aonde?

J.X. - Do outro lado, na Mata do Café.

A.A.T. - Então foi lá que espetaram a moça cristã.

J.X. - Foi lá. A cristã, que eles pegaram a cristã, os Índios tiraram a criança e espetaram. Agora, essas duas índias que mataram pelo lado de cá (município de Cavalcante) já foram passado, só depois duns casos bem formados. Para nós, dá de saber o caso real.

J.X. - Bem, esse pessoal (Avã-Canoeiro de Cavalcante) um dia numa derrubada numa roça, eu vi eles tudo, lutei (pelejei) com duas, elas ficaram com uma calça tergal minha, e eu pelejei para ver se trazia uma para casa. Mas não deu de conseguir, fiquei com 2 balaios delas e 2 ferrinhos. Mande chamar os "adomador" (pessoal da FA da FUNAI, na época Praxedes) e eles não foram, só.

A.A.T. - Quer dizer que o sr. encontra os companheiros deles (dos Avã-Canoeiro já contatados) aí por perto, na região?

J.X. - Diariamente nós estamos nos encontrando, comunicando uns com os outros.

A.A.T. - O sr. falou que tem um (Índio) do pé torto?

J.X. - Esse do pé torto já faleceu.

A.A.T. - *Morte matada ou morte morrida?*

J.X. - Não, acho que foi os outros que matou, que teve um que cobra matou. Cobra matou um ou outro. Eles eram 15 que veio práqui!

A.A.T. - *Aí, são esses de Cavalcante, não?*

J.X. - É, esses daqui. Essa maloca daqui era 18 índios! Tinha uma mulher do cabelo grande, cabelo bom, grande. Essa não tá mais. Esse povo só tem 10!

A.A.T. - *São esses 18 que tavam aqui, fugidos da Mata do Café e que tão no caminho lá de Cavalcante?*

J.X. - É, esses 18 que tão fugidos práqui, que estavam lá na Mata do Café, tá no município de Cavalcante. Aqui mesmo junto com nós mesmo. Esse 4 que tá do lado de cá (os contatados) que pegaram porque não pode nadar o rio para o outro lado. Então são pessoal de menos força, menos saber, que ficaram do lado de cá, recanteado. Em um próprio lugar.

A.A.T. - *O sr. acha que esses índios que estão desse lado do rio eles ainda se encontram e vêem os parentes deles?*

J.X. - Se encontra uma vez pode desobedecer. Mas da outra obedece.

A.A.T. - *Para seguir junto?*

J.X. - Para conseguir junto. Os anos passado eles andaram nos Campo Belo, os fazendeiro então judiaram com eles lá, eles tornou a voltar para cá, outra vez, de novo.

A.A.T. - *Onde era esse Campo Belo?*

J.X. - Campo Belo é município de Arraias, hoje é Campos Belos.

A.A.T. - *Quando foi isso?*

J.X. - O ano passado.

A.A.T. - *Quantas léguas dista daqui?*

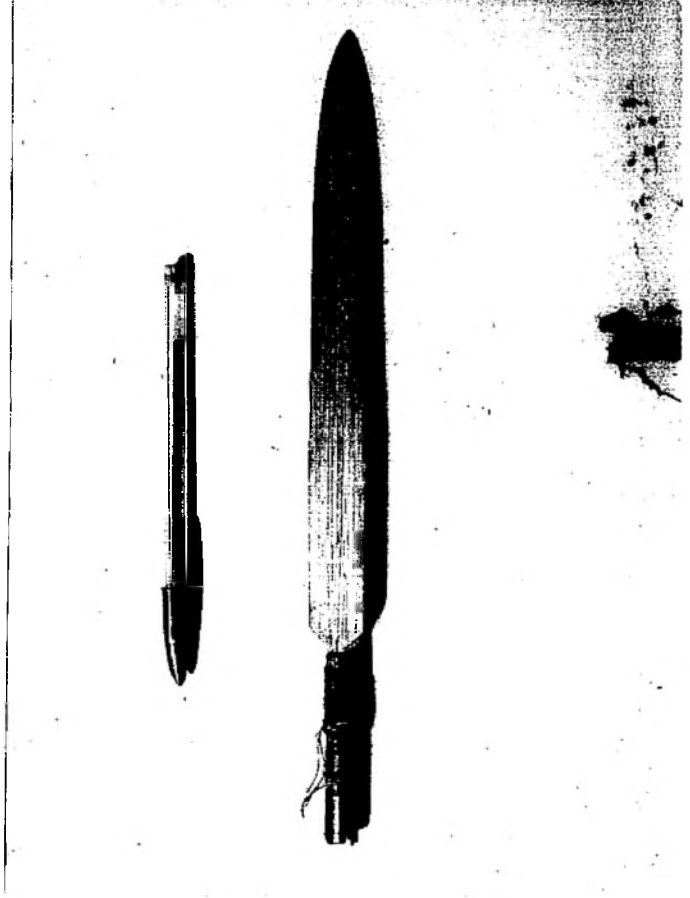
J.X. - 40, 50 (léguas).

A.A.T. - E era qual grupo? Esse grupo desses 10 aqui?

J.X. - É esse grupo de 10. Porque os fazendeiros correram com eles.

J.X. - Moro na fazenda Palmeirinha, perto da Vila Borba, fazenda Baixão, fazenda da Palmeirinha. (FINAL)

ANEXO 2 - Fotos



Fotos 3 e 4 - Pontas de flechas dos arredios de Cavalcante encontradas em carcaças de animais abatidos na região.



Foto 8 -Uma das mulheres do grupo atualmente instalada no P.I.A. Avã- Canoeiro (08/84).



Foto 9 - A menina do grupo de Minaçu (08/84).



Foto 5 - Iawí mostra restos do aldeamento dos Avã- Canoeiro de Minaçu (sítio 1, ver 2.1.1.). Notar o pilão escavado no tronco no canto inferior direito da foto.



Foto 6 - Duas mulheres do grupo de Minaçu abraçadas pelo garimpeiro Joaquim Xavante, com o qual mantém relações desde antes o contato com a FUNAI (08/84).



Foto 7 - Iawí brinca com garimpeiros instalados nas praias do rio Maranhão a menos de 1 km do Posto (08/84).



Foto 1 - Os 6 Avã- Canoeiro (já contatados) do grupo do Araguaia, atualmente instalados no P.I.Canoanã (10/80)



Foto 2 - Tres dos quatro Avã-Canoeiro do grupo do Alto Tocantins no P.I. A. Avã- Canoeiro (08/84)

Relatório sobre a situação e perspectivas de sobrevivência dos Avá- Canoeiro (outubro de 1984).*

André Amaral de Toral M.Nacional-U.F.R.J.

Errata :

Página	Parágrafo	linha	
16	1º	2ª	:"com <u>a</u> do grupo..."
17	1º	3ª	:"Estes, por seu lado, veem-se.
19	1º	2ª	::"Dada a <u>inexistencia</u> ..."*
13	2º	2ª	:"... que considera como <u>sua</u> terra..."
23	3ª	11ª	::"... <u>ao</u> contrário..."
31	3º	2ª	:"...à <u>sua</u> possibilidade..."
32	3º	2ª	:"...de reunião <u>e</u> ..."